

# CAPÍTULO 9

## EDUCAÇÃO FÍSICA E FILOSOFIA DA DIFERENÇA: possibilidades metodológicas

Pedro Xavier Russo Bonetto <http://lattes.cnpq.br/4174932134014306>

*G. D<sup>34</sup>.: A prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um revezamento de uma prática a outra. Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro (Foucault; Deleuze, 1992, p. 41).*

### 1 Introdução

No início de um curto texto intitulado “Os intelectuais e o poder”, publicado em 1972 na revista *L’arc*, os filósofos franceses Gilles Deleuze e Michel Foucault dialogam e fazem breves, mas importantes análises sobre o papel do intelectual, sua ação teórica e política e a estreita articulação destas com o exercício e aplicação do poder. Tal como destaca-se na epígrafe, os filósofos apontam suas compreensões sobre uma relação bastante conhecida no âmbito da educação – a saber: a questão entre teoria e prática.

---

<sup>34</sup> G.D. Fala de Gilles Deleuze.

Para Gilles Deleuze é comum concebermos a prática como uma aplicação da teoria, como uma consequência e, às vezes, como devendo inspirar a teoria. Diz que, tradicionalmente, tais elementos são concebidos como um processo de totalização, representação e aplicação do real. Por outro lado, para ele, essa relação não pode mais ser compreendida por sua capacidade de totalidade, mas pela parcialidade, sempre local e fragmentária. Assim, uma teoria é relativa apenas a um pequeno domínio que pode se aplicar a um outro domínio, mais ou menos afastado, contudo, sempre diante de um certo limite. Concordando, Michel Foucault diz que “a teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática” (p. 42).

No desencadear do diálogo, Gilles Deleuze exemplifica dizendo que Foucault partiu para investigar os processos de reclusão, encarceramento ou suas relativas questões de poder a partir da fala dos próprios envolvidos. Nessa perspectiva, o intelectual teórico deixa de ser um sujeito ou uma consciência representante e passa a compor um movimento de revezamento, de multiplicidade, com o próprio objeto de investigação. Ainda a partir desse diálogo, Deleuze e Foucault concordam que o papel do intelectual é, mais do que dizer a verdade para aqueles que ainda não possuíam certa consciência, mas antes, o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é instrumento e objeto – no discurso.

M.F.<sup>35</sup>: Mas local e regional, como você diz: não totalizadora. Luta contra o poder, luta para fazê-lo aparecer e feri-lo onde ele é mais invisível e mais insidioso. Luta não para uma “tomada de consciência” (há muito tempo que a consciência como saber está adquirida pelas massas e que a consciência como sujeito está adquirida, está ocupada pela burguesia), mas para a destruição progressiva e a tomada do poder ao lado de todos aqueles que lutam por ela, e não na retaguarda, para esclarecê-

---

<sup>35</sup> M.F. Fala de Michel Foucault.

-los. Uma “teoria” é o sistema regional desta luta (Foucault; Deleuze, 1992, p. 42).

À guisa de introdução, o artigo supramencionado é um dos raros arquivos em que Deleuze e Foucault analisam diretamente sobre suas respectivas formas de fazer filosofia, seus *modus operandi* – suas metodologias; inclusive, fazendo relações de similaridade entre suas formas de produzir filosofia.

O cerne argumentativo da citação em questão nos conduz a pensar sobre método e suas diferentes epistemologias, seus inúmeros métodos de pesquisa e, indiretamente, a emergência do pensamento desses filósofos no âmbito da Educação Física.

M.F.: Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas (Foucault; Deleuze, 1992, p. 42).

Assinale-se que, já são cinco décadas desde que as pesquisas na área da Educação Física passaram a se produzir a partir de diferentes perspectivas epistemológicas. Nesse ínterim, diversas obras indicam a heterogeneidade epistemológica que compõe a área (Ghirdelli Júnior, 1987; Gamboa; Chaves; Taffarel, 2007; Neira; Nunes, 2009; Chaves-Gamboa; Gamboa, 2010; Rosa; Leta, 2011; Almeida; Bracht; Vaz, 2012; Soares, 2017; Bracht, 2019; Bungenstab, 2022). Aludindo a multiplicidade de campos teóricos<sup>36</sup> (fisiologia, desenvolvimento motor, biomecânica, pedagogia do esporte, materialismo histórico-dialético, fenomenologia, socio-

---

<sup>36</sup> “Ferramentas” como diz Foucault.

logia, antropologia, psicologia, teorias curriculares da educação), Gamboa (2007, p. 25) denominou esse fenômeno de flutuação epistemológica<sup>37</sup>. De mais a mais, nos últimos anos outras epistemologias alinharam-se a objetos de pesquisa relacionados ao nosso campo, tais como as teorias da complexidade, neurociência, semiótica, biofísica, bem como dos estudos decoloniais, feministas, *queer*, afrodiaspóricos, entre outros.

Na esteira dessa ampliação de concepções e perspectivas, professores e professoras de Educação Física efetivaram uma aproximação inédita entre o componente curricular e epistemologias como o multiculturalismo crítico, os estudos culturais, o pós-estruturalismo, a teoria *queer* e a filosofia francesa contemporânea, produzindo a chamada Educação Física pós-crítica, ou apenas, currículo cultural de Educação Física. Dentro desse movimento, as filosofias de Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guattari passaram a ser reterritorializadas na Educação Física, produzindo assim, análises inéditas para pensarmos o corpo, o currículo, a história do componente, seu objeto de conhecimento, suas estratégias de ensino, controle e disciplinamento e a função social nas escolas e na sociedade em geral.

Considerando a necessidade de aprofundamento dessa relação, entre o que aqui se denomina filosofia da diferença e o campo da Educação Física, o presente capítulo intenta apresentar algumas perspectivas metodológicas que se mostram potencialmente férteis para novas investigações dos objetos de estudo da Educação Física. Para tanto, em um primeiro momento retoma-se questões importantes sobre a filosofia da diferença, buscando ilustrar suas características, potencialidades e limites, além dos contextos de sua emergência. Em seguida, apresenta-se duas possibilidades metodológicas baseadas na filosofia da diferença, a saber: a) As análises de discurso foucaultianas; b) A cartografia deleuzo-guattariana.

---

<sup>37</sup> Para o autor, “essas flutuações expressam o circuito simples do saber. O ponto de partida e o de chegada são as teorias sociológicas, psicológicas, fisiológicas e não a Educação Física, que funciona como um campo de passagem” (Gamboa, 2007, p. 26).

Vale destacar que o intuito não é apontar esses métodos com sendo os melhores ou mais indicados, ou ainda, o jeito correto de utilizá-los. Longe disso, a tentativa é apenas expor, em contornos gerais, essas duas possibilidades de produção de conhecimento.

## 2 Filosofia da diferença: do que se trata?

Filosofia da diferença, ou ainda pós-estruturalismo, são campos de imanência bastante heterogêneos e polimorfos. De uma maneira geral, dizem respeito à um grupo de concepções filosóficas e de pensadores de diversas épocas, que, em comum, possuem uma relação próxima com a filosofia de Friedrich Nietzsche e/ou que participaram ou se inspiraram na cena filosófica francesa contemporânea (Vieira, 2020; Bonetto, 2021). Ainda que os próprios/as filósofos/as não se reconheçam nessas categorias, comumente, incluem-se nelas, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Georges Canguilhem, Jacques Derrida, Judith Butler, Paul Preciado e Julia Kristeva<sup>38</sup>.

Para Michel Peters (2000), ambos termos se referem a uma reavaliação radical da cultura do Iluminismo e de sua concepção de uma razão universal. De acordo com o autor, não constitui exagero dizer que o pós-estruturalismo [e a filosofia da diferença] é, em parte, uma reação ao hegelianismo, não apenas à filosofia hegeliana da história, mas também ao modelo hegeliano de consciência, ambos os quais influenciaram Marx e os marxismos da França. Escreve ainda que, na contramão dessas concepções consideradas demasiadamente humanistas e historicistas, os filósofos da diferença colocam em dúvida os pressupostos da autonomia, da transparência da autoconsciência, e passam a conceber os sujeitos como resultantes de uma complexa intersecção de forças discursivas, libidinais e de práticas sociais.

---

<sup>38</sup> Por conta dessa heterogeneidade também é correta a utilização do termo no plural: filosofias da diferença.

Outrossim, trata-se de uma perspectiva filosófica de forte oposição a uma ideia de totalidade e universalidade da racionalidade científica moderna, se interessa pela singularidade, multiplicidade, imanência, pelo devir, sendo então, a diferença, aquilo que escapa das representações e identidades majoritárias e que, por sua vez, impedem as múltiplas formas de pensar, criar, atribuir sentido e existir. Ainda de acordo com Peters (2000), o livro Nietzsche e a Filosofia de Gilles Deleuze (publicada originalmente em 1962), é um importante marco para a filosofia da diferença. Nessa obra, Deleuze (2018) reafirma o poder positivo da afirmação inerente da diferença, elegendo-a como base de um pensamento radical, em contraste com o poder do negativo e de uma disposição reativa da dialética, onde o positivo se afirma por meio de uma dupla negação.

Em Jacques Derrida, por sua vez, opera sua crítica ao modelo de razão universal relacionando-a com um tipo de logocentrismo, caracterizada por uma metafísica da escrita fonética, que institui o significado a um *ser* presente. Nessa concepção, a linguagem usada na filosofia e na ciência tem tentado congelar o jogo da diferença (*difference*<sup>39</sup>), a partir da assunção de ideias claras, objetivas, formas platônicas idealistas, que aludem sempre à um significado ontológico, essencialista, um conhecimento absoluto.

No bojo da crítica a essa racionalidade moderna, a filosofia da diferença radicaliza as análises – não como dizem os incautos, apenas afirmando a irracionalidade ou o *laissez-faire* do modelo neoliberal capitalista. Ao contrário, parte do pressuposto que o modo de vida contemporâneo não pode ser questionado apenas pela racionalidade dialética ou por binarismos<sup>40</sup>, uma vez que, denunciar, exigir e requerer tais pautas pelas vias macropolíticas e burocráticas (o que, historicamente, já tem

---

<sup>39</sup> Para o autor, *difference* se refere a diferir, por meio do atraso, do desvio, da suspensão, do adiamento do significado último. É condição de qualquer processo de significação baseado na racionalidade moderna.

<sup>40</sup> Exemplos: capitalismo *versus* socialismo, desigualdade *versus* justiça, autocracia *versus* democracia, falta de direitos *versus* direitos humanos, exclusão *versus* representação, silenciamento *versus* ter voz, entre outros.

sido feito por diversos grupos e militantes) nos dias atuais, estrategicamente, tem se mostrado pouca efetividade<sup>41</sup>.

Diante desse possível esgotamento, as filosofias da diferença colocam as estratégias de luta da modernidade em suspeição. Trata-se de um duplo movimento: de um lado, a crítica aos fundamentos, que não se trata de uma proposta niilista ou uma desconstrução absoluta (confundida com uma destruição), mas de uma tentativa de torná-los ainda mais apurados. Exemplifica-se: Democracia é um regime político moderno e praticamente consensual. Mas é algo complexo que se efetiva no cotidiano, em movimento, não se constitui como meta clara e objetiva. Para tanto, pode-se indagar: Que democracia é essa defendida por todos? Quais os seus fundamentos? Que “demo” dela efetivamente participa? Todos/todas os grupos que compõem a nossa sociedade? Participam de forma equinânime? De que modo uma democracia se efetiva nos diferentes contextos culturais, sociais e geográficos? O Partido Democrata norteamericano é democrático? O partido denominado Movimento Democrático Brasileiro (MDB) promove a democracia no Brasil? Onde estava a nossa democracia em 2016? Um congresso majoritariamente composto por homens, brancos, ricos e conservadores é um congresso democrático? A nossa democracia se estende às pessoas pobres do interior do país? Aos diversos grupos sociais marginalizados pelo sistema? Às pessoas transsexuais? Os Yanomamis? As questões são inúmeras e não podem ser simplificadas... Por isso, uma das inspirações desse movimento é justamente a compreensão de Foucault do conceito de crítica, compreendida como uma atitude ético-política frente às artes de governar típicas da modernidade, uma forma de desconfiar delas, de

---

<sup>41</sup> A questão central não é a falta de legitimidade dessas pautas, mas criar e potencializar novas estratégias de luta. Assim, sem absolutamente desconsiderar a importância das vias macropolíticas (criação de leis, proteção do Estado, pleno funcionamento das instituições etc.), os/as intelectuais da filosofia da diferença enfatizam a chamadas micropolíticas ou contracondutas.

recusar, transformá-las, e que consiste também numa arte, a de não ser governado de determinada forma, para um determinado fim.

(...) e que eu chamaria simplesmente arte de não ser governado ou ainda arte de não ser governado assim e a este preço. E portanto eu proporia, como primeira definição de crítica, esta caracterização geral: arte de não ser de tal modo governado (Foucault, 2012, p. 59).

Em síntese, a filosofia da diferença considera a necessidade de radicalizar a crítica sobre conceitos, estratégias e reivindicações políticas, buscando (re)contextualizá-las, deslocá-las para um lugar onde as forças da axiomatica capitalista e neoliberal sejam pegas de surpresa ou em suas fragilidades.

### 3 Filosofia da diferença e a Educação Física

No âmbito da educação e da Educação Física, a filosofia da diferença tem ganhado cada vez mais relevância e alcance, tanto nas pesquisas quanto nas práticas pedagógicas. Na educação e na pedagogia, os estudos com a filosofia da diferença se fazem bastante presentes nos escritos de Tomaz Tadeu da Silva, Sandra Mara Corazza, Marlucy Alves Paraíso, Sílvio Gallo, Jorge Larossa, Alfredo Veiga-Neto, Walter Kohan, entre outros/as. Um dos principais marcos dessa perspectiva constitui-se o livro *Crítica pós-estruturalista e educação*, de Alfredo Veiga-Neto (2002). De forma bastante introdutória, diz que o currículo escolar, como um texto, constitui-se como um artefato produtor de subjetividades, e que funcionou como a máquina principal dessa grande maquinaria, que foi a escola na fabricação da Modernidade. Não obstante, quando abandonam pretensões massificantes de disciplinamento e controle, bem como noções de conhecimento e conteúdos hierarquizados e fragmentados, características atreladas às

subjetividades do projeto moderno e capitalista, o currículo pode, enfim, promover novas subjetividades.

Na Educação Física escolar, essa influência da filosofia da diferença aparece na fundamentação apenas na perspectiva do currículo cultural. Em Neira e Nunes (2006; 2009; 2022) o componente assume traços cada vez mais distantes da racionalidade moderna. Nessa proposta, corpos perfeitos, disciplinados, saudáveis, baseados em princípios estéticos e políticos euro-estadunidenses, presentes em práticas corporais dessas mesmas culturas, passam a ser questionadas e criticadas. A função da escola deixa de ser a mera transmissão de um dado conhecimento instrumental e acrítico, oriundo dos porões da modernidade, passando a questões ligadas à problematização dos discursos constituintes das diferentes culturas e modos de vida (dentro dessas – a cultura corporal).

Em tal concepção, os/as estudantes são convidados a mapear, reconhecer, ampliar, aprofundar, ressignificar, problematizar, registrar, entre outras ações pedagógicas, os conhecimentos sobre uma prática corporal tematizada, buscando também, relacioná-la com elementos sociais, econômicos, políticos, culturais e outros engendramentos de poder. É um currículo que enfatiza a diferença, em sua multiplicidade conceitual, de modo que não há preocupação com uma educação representacional ou “bancária”, típica de projetos pedagógicos que almejam a unidade/identidade. Investiga-se relações de poder, processos de produção de subjetividades, opressões, preconceitos, totalitarismos, exclusões, buscando intervir nessas relações reativas e violentas com outros vetores de força. Almeja-se experiências pedagógicas mais abertas, críticas, criadoras e contextualizadas, que (em alguma medida) possam promover um tipo de subjetividade solidária e sensível à diferença (Neira, Nunes, 2009; 2022; Bonetto, Neira, 2023).

Não obstante, investigar uma perspectiva que se alinha à filosofia da diferença têm sido um enorme desafio, uma vez que a dimensão da pesquisa e da prática pedagógica, necessariamente, devem se fazer coerentes com esses novos aportes teóricos.

## 4 Possibilidades metodológicas

No tocante as suas metodologias, as pesquisas que investigam a Educação Física cultural partem do pressuposto da contextualização, contingência e abertura entre as proposições teóricas, os conceitos e a prática pedagógica, logo, não são pesquisas que buscam produzir grandes narrativas, estabelecer leis, regimentar ou fomentar sequências didáticas estanques e generalistas. Ainda que não fundamentada integralmente na filosofia da diferença, uma das principais obras sobre metodologia nessa perspectiva pós é o livro *Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação*, organizado por Meyer e Paraíso (2014). Os capítulos apresentam, cada um, uma pesquisa desenvolvida a partir de diferentes metodologias (etnografias, análises de discurso, grupo focal, entrevistas, cartografia, metodologia *queer*<sup>42</sup>, análise de imagens, entre outras). Nesses, as autoras rechaçam o caráter normativo dos métodos de pesquisa e incentivam a reincorporação da criatividade na relativização e revitalização desses a partir dos problemas de pesquisa.

Por isso, construímos nossos modos de pesquisar movimentando-nos de várias maneiras, para lá e para cá, de um lado e para o outro, dos lados para o centro, fazendo contornos, curvas, afastando-nos e aproximando-nos. Afastamo-nos daquilo que é rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamento potentes para interrogar ou descrever-analisar nosso objeto (Meyer; Paraíso, 2014, p. 18-19).

---

<sup>42</sup> Criação metodológica produzida por Nascimento (2022), inspirada na teoria *queer* (tradução literal: esquisito). De modo geral, refere-se à análises que abordam perspectivas que resistem à cisheteronormatividade compulsória.

Outra inspiração metodológica é a compreensão do método enquanto um acontecimento. Ribeiro (2016), ao recusar as clássicas tendências investigativas fundadas nos princípios de repetição, previsibilidade e controle, propõe o conceito de singularidade de Deleuze e Guattari, atença-nos a considerar o método como um trabalho de experimentação de pensamento, efeito da imanência dos encontros.

É a efemeridade do movimento que confere intensidade ao trabalho de experimentação do pensamento. Afirmar a contingência dos encontros no tempo presente, assumindo seus limites constitutivos, implica colocar-se em uma condição radical de permeabilidade, ou melhor, de disponibilidade à afecção diante do imponderável e do inevitável (Ribeiro, 2016, p. 72).

Com efeito, as metodologias aqui incentivadas são as que deixam de seguir modelos pré-estabelecidos, metodologias rígidas e cientificamente validadas. Ademais, na tentativa de incitar uma melhor compreensão, quiçá, novas pesquisas com a Educação Física cultural e a filosofia da diferença, buscou-se aqui, a síntese de dois grandes operadores metodológicos alinhados a essas perspectivas.

#### **4.1 Análises de discurso foucaultinas**

Antes de avançarmos na direção proposta, é preciso destacar que o signo “análise de discurso foucaultiana” é envolto em uma disputa de sentidos bastante complexa. Faz-se mister ressaltar que, o emprego no texto do termo no plural “análises foucaultianas” consiste em um cuidado em apontar que diferentes intelectuais e pesquisadores/as compreendem o empreendimento filosófico foucaultiano de formas distintas. Sobre isso, também é observável a polissemia em relação às terminologias dessas análises, entre os mais comuns: análise de discurso, arqueologia, genealogia, arqueogenealogia e anarquologia. Pois bem, Foucault é tradicionalmente explicado a partir de supostas fases da sua filosofia, entre

elas: arqueologia, genealogia e ética. Falamos de *arqueologia* quando o objetivo é determinar as condições que fazem (ou fizeram) um discurso ser tomado como verdadeiro em uma cultura em um determinado tempo histórico; a genealogia seria uma análise das relações de poder que possibilitaram a emergência e o status de verdade para alguns discursos e, nessa, há o confronto entre os discursos dominantes e os discursos excluídos e marginalizados. Arqueogenealogia compreende o que seria a “última fase” ou “último Foucault”, cujo escopo analítico volta-se para a dimensão do governo de si, ou seja, uma tomada de posição mais ativa do sujeito em relação ao poder – trata-se da dimensão ética. Por fim, o termo anarqueologia é comumente apresentado como um aglutinado das três perspectivas. Relacionando questões sobre o saber, o poder e o si (ética) a anarqueologia foucaultiana objetiva estudar as variadas formas pelas quais fomos e somos governados pela verdade. Dito de outro modo, trata-se de esmiuçar as diferentes maneiras pelas quais aceitamos que um determinado conjunto de verdades exerce sobre nós uma certa “força” capaz de conduzir nossas condutas (Borges, 2022).

Nesse sentido, não é desinteressante ressaltar que, tendo em vista que a anarqueologia foucaultiana envolve a tríade saber, poder e sujeito, seus operadores conceituais atravessam e podem se valer de alguns daqueles conceitos decorrentes das análises arqueológicas e genealógicas precedentes, tais como a proveniência, a descontinuidade, o acontecimento, a governamentalidade, bem como das noções empregadas especificamente nos estudos tardios de Foucault, entre elas a aleturgia, o cuidado de si, a parresia, etc (Borges, 2022, p. 64).

Dando prosseguimento, é preciso considerar que seu modo de fazer filosofia, bem com seu pensamento, se moveu, se modificou e se transformou em cada uma de suas obras e cursos, tal como escreveu: “Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo:

é uma moral de estado civil: ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres, quando se trata de escrever (Foucault, 2019, p. 21)”. Outrossim, sem deixar de considerar as diferentes perspectivas, alguns pesquisadores e pesquisadoras passaram a desenvolver a chamada análise de discurso foucaultiana, considerando “procedimentos”, especialmente, contidos em *A Arqueologia do Saber* (2007)<sup>43</sup> e *A Ordem do Discurso* (1999)<sup>44</sup>, dentre os quais, destaca-se os sistemas de exclusão internos e externos aos discursos:

- Interdição: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (Foucault, 1999, p. 9);
- Exclusão: uma separação, rejeição de quem fala, considerando um sujeito (Foucault exemplifica com a palavra do louco). “Era através de suas palavras que se reconhecia a loucura do louco; elas eram o lugar onde se exercia a separação; mas não eram nunca recolhidas nem escutadas” (Foucault, 1999, p. 11);
- Vontade de verdade: “(...) a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade, (...)” (Foucault, 1999, p. 20);
- Comentário: Mas, por outro lado, o comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro (Foucault, 1999, p. 25);
- Autor: “O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem

<sup>43</sup> Primeira edição data de 1969.

<sup>44</sup> Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.

de suas significações, como foco de sua coerência (Foucault, 1999, p. 26);

- **Disciplina:** No interior de seus limites, cada disciplina reconhece proposições verdadeiras e falsas; mas ela repele, para fora de suas margens, toda uma teratologia do saber (Foucault, 1999, p. 33);
- **Rarefação:** Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo (Foucault, 1999, p. 37).

Sem entrarmos no detalhamento desses conceitos, optou-se aqui pela descrição dos subsídios mais constitutivos do modo de fazer filosofia foucaultiano, compreendendo-o a partir de sua necessária densidade e rigorosidade<sup>45</sup>. Assim, em termos gerais, o que o filósofo francês faz é buscar compreender como os seres humanos se tornaram esse tipo específico de sujeito – o sujeito moderno ocidental, enfatizando, que muito (não se sabe o quanto) desse sujeito é produto de práticas discursivas e suas relações com práticas não discursivas (instituições, formações sociais, práticas cotidianas). Mais especificamente, refaz filosoficamente a história de alguns fenômenos, tal como: a loucura, a sexualidade (e toda uma gama de elementos relacionados à emergência da ciência, do discurso médico, da homossexualidade, do casamento, entre outros), os modos de encarceramento e punição, as experiências com a disciplina e as formas de saber (saber-poder), os modelos de governo dos corpos e suas relações com as dimensões do poder e da política; narrando-os de forma genealógica, até o ponto exato em que passamos (enquanto seres humanos) a pensar ou viver tais fenômenos de uma maneira diferente (ou como preferem os foucaultianos – uma descontinuidade) demonstrando assim, o quão recentes e provisórios somos.

---

<sup>45</sup> Aproveita-se para o lançamento de um alerta dos riscos de um uso muito pragmático dessa concepção, tornando-a mais um instrumento técnico e aligeirado de produção de conhecimento, especialmente quando os termos utilizados pelo filósofo passam a figurar como conceitos autoexplicativos e totalizantes.

Ressalta-se que, a filosofia da diferença vista a partir de Michel Foucault busca contribuir com a problematização dos elementos que compõem a nossa subjetividade contemporânea (ou melhor, o sujeito moderno), tradicionalmente reconhecidos pela sua unidade e essência. O que essa filosofia fez é inverter essa compreensão. Em *A História da loucura*, por exemplo, a análise do discurso do século XVIII sobre a loucura permitiu-lhe identificar uma transformação entre a época clássica e a modernidade no que tange os saberes *psi*, a ciência, bem como e as respectivas formas de se relacionar com o fenômeno da loucura.

Assim, têm-se que, as análises de discurso em uma perspectiva foucaultiana são centradas nos enunciados e nas relações de poder que proporcionam a esse um certo estabelecimento, ou seja, um efeito direto a partir de práticas não-discursivas. Nessa concepção, não é um sujeito que fala aquilo que pensa, mas enunciados e práticas sociais que irrompem, em certos tempos e lugares, diante de contingências muito específicas. O discurso é assim, um acontecimento, histórico, provisório e disperso.

Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos (Fisher, 2001, p. 198-199).

Como bom simpatizante da filosofia de Friedrich Nietzsche, Foucault também centraliza a questão do poder, mas em sua análise discursiva a partir da localização emergência desses enunciados. Em sua concepção microfísica, ou seja, espreado por todas as relações entre os sujeitos, o poder se põe sempre em regimes (ou relações) móveis e contingenciais.

Além disso, seria necessário saber até onde se exerce o poder, através de que revezamentos e até que

instâncias, frequentemente ínfimas, de controle, de vigilância, de proibições, de coerções. Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui” (Foucault, 1992, p. 45).

Cabe o destaque de que nessa perspectiva, as relações de poder não são essencialmente negativas, visto que não apenas proíbem, oprimem, impedem, mas também produzem, criam, inventam, recortam as coisas, o mundo, os homens e dão visibilidade. “Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir” (Foucault, 2012, p. 8). É estritamente essa capacidade de estabelecimento de um enunciado e o momento de sua emergência que a análise de discurso inspirada na filosofia foucaultiana se preocupa. Dessa relação entre enunciado e as relações de poder, outro conceito importante para essa concepção se anuncia – o(s) regime(s) de verdade.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (Foucault, 1992, p. 10).

Outro elemento fundamental desse tipo de análise é o arquivo. Foucault subverteu os métodos positivistas e supostamente assépticos, e considerou textos e fontes sem recortes cronológicos rígidos, desprezou a hierarquia de documentos oficiais incluindo uma rica multiplicidade de vozes – diferente do que tradicionalmente faziam os historiadores. Assim, para Foucault (2019), o arquivo “é, de início, a lei do que pode ser dito” (p. 159) e “serve para diagnosticar os enunciados, dissipando a ideia da linearidade e nos colocando no cerne das diferenças”. O arquivo é composto pela descrição das formações discursivas, análise das positivities, demarcação do campo enunciativo e conseqüentemente a formação do objeto (p. 160).

Ainda nessa concepção, o arquivo e sua construção não são dados prontos, disponíveis em suas completudes. Não estamos tratando de uma análise documental, mas de um conjunto bastante específico de enunciados que precisam ser recrutados, agrupados, com peças de um quebra-cabeça. Aquino e Val (2018) se debruçam sobre essa problemática da análise foucaultiana, colocando a produção do arquivo – arquivamento, no centro dessa metodologia. Para os autores, assim como Foucault que promoveu suas operações de modo deveras peculiar com o arquivo greco-romano, o trato arquivístico das fontes exigiria simultaneamente estratégias de imaginação e (re)montagem.

A operação de arquivização assemelha-se analogicamente à composição de um *thriller* policial, na medida em que as evidências não estão ocultas, embora não sejam imediatamente aparentes às lentes daqueles que as observam. Ao contrário, a própria saturação da visibilidade de um conjunto de enunciados correntes é o que nos impediria de vislumbrar os jogos de veridicção/subjetivação em torno de determinados nexos cognitivos enraizados no presente (Aquino; Val, 2018, p. 50).

No contexto das pesquisas do campo educacional esse tipo de análise já é bastante usual e muito produtiva. São muitas as pesquisas que, por meio das análises de discurso foucaultianas, investigaram objetos relacionados com a prática pedagógica ou ainda que trataram da reterritorialização desse método para o campo pedagógico (Silva, 1994; Fischer, 1995; 2001; Gregolin, 1995; 2004; Brandão, 2004; Sargentini; Navarro-Barbosa, 2004; Aquino; Val, 2018; Aquino; 2019; Ferreira; Traversini, 2013; Rodrigues; Mello, 2020; Navarro, 2020).

Na Educação Física, é possível dizer que esse tipo de análise de inspiração foucaultiana ainda existe em pequena quantidade. Sem propor uma revisão sistemática mais rigorosa, apenas por meio de uma busca simples do termo “Foucault” no índice “resumos”, foi possível identificar vinte e cinco artigos na Revista Movimento, quatro na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, seis artigos na Revista Conexões, três artigos na Revista Brasileira de Educação Física e Esporte e três artigos na Revista Motriz<sup>46</sup>.

Por fim, cabe o importante destaque para a produção da professora Carmen Lúcia Soares em torno das historiografias sobre a Educação Física, das práticas corporais e a produção do corpo (Soares, Fraga, 2003; Gleyse, Soares, 2012; Soares, 2016; 2017; 2022). A título de exemplo:

[no final do século XIX] Essas instituições, que inicialmente se destinavam a regular a circulação dos sujeitos, passaram também a efetivar uma “terapêutica de pressões” destinada a endireitar os corpos desengonçados. Corpos que, além de habitar os espaços de reclusão, também passaram a ser habitados por uma “ortopedia discursiva” (Foucault, 1996), cada vez mais infiltrada no co-

---

<sup>46</sup> Ressalva-se ainda que é possível que alguns artigos indetificados não desenvolvam nenhum tipo de análise de discurso, historiografia ou arqueogenealogia. De qualquer maneira, o intuito dessa simples revisão é de demonstrar a escassez dessa epistemologia, bem como a pulverização das metodologias aqui abordadas.

tidiano da vida urbana. Assim, o corpo educado passava a ser expressão de civilização (Soares, Fraga, 2003, p. 79).

## 4.2 Cartografia

A cartografia está intimamente ligada à filosofia de Deleuze-Guattari e tem sido aplicada em várias áreas do conhecimento, incluindo Educação, Educação Física, Saúde Pública, Arquitetura, Artes, Psicologia e muito mais. De acordo com Deleuze e Guattari os elementos constitutivos das nossas subjetividades são feitas de linhas de força, assim, existem três tipos de linhas que formam nossos processos de subjetivação:

- Linhas molares ou duras: Essas linhas nos compõem através do estabelecimento de dualidades sociais, que nos estratificam. São as grandes divisões na sociedade: rico ou pobre, trabalhador ou vagabundo, normal ou patológico, homem ou mulher, culto ou inculto, branco ou negro etc.
- Linhas maleáveis ou flexíveis: Essas linhas possibilitam variações, ocasionando desestratificações relativas. Por exemplo, em uma sociedade, as linhas maleáveis podem ser vistas nas diferentes formas como as pessoas se adaptam e se ajustam às normas e regras estabelecidas. Isso pode incluir coisas como mudar de carreira, adotar novos hobbies, ou explorar diferentes identidades culturais. No entanto, é importante notar que, embora as linhas maleáveis permitam alguma flexibilidade e mudança, elas ainda operam dentro dos limites das linhas duras. Ou seja, elas permitem a variação, mas não a ruptura completa com a estrutura existente.
- Linhas de fuga: Essas linhas representam desestratificações absolutas, no sentido em que rompem totalmente com os limites das estratificações estabelecidas. É um conceito que permite a transformação e a mudança. A linha de fuga pode ser compreendida como uma maneira que os agentes têm de dissociar-se do que são, e encaminharem-se para uma nova criação.

Destacando o efeito dessas linhas, a cartografia busca por meio de um gesto investigativo, segui-las, tateá-las e movimentá-las. De modo que os mapas resultantes da cartografia buscam sempre rizomas abertos, de múltiplas entradas e saídas, composto de infundáveis linhas que se multiplicam a cada olhar. Dessa compreensão, cartografar é sempre percorrer novos territórios, ser guiado pelos territórios em busca de novas experiências, ocupar espaços de forma a vivê-los intensamente e não somente observar. Cartografar é tomar elementos do território e se deixar surpreender, uma atitude necessariamente aberta, uma postura obrigatoriamente intensa (Bonetto, Vieira, 2023).

Um dos marcos da cartografia enquanto um método de pesquisa é o livro produzido pela Professora Suely Rolnik com Félix Guattari em 1982 (publicado em 1986) denominado *Micropolítica: cartografias do desejo* (2013, p. 18):

As cartografias dessas diferentes experiências e seus confrontos constituem, portanto, a matéria-prima deste livro. Se, por um lado, seu caráter cartográfico faz com que extrapole sua condição de datado: como qualquer outra cartografia, seja qual for seu tempo e seu lugar, trata-se aqui da invenção de estratégias para a constituição de novos territórios, outros espaços de vida e de afeto, uma busca de saídas para fora dos territórios sem saída.

Outra obra importante para o desenvolvimento desta metodologia é a obra *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, dividida em dois volumes contendo oito pistas em cada livro (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015; Passos; Kastrup; Tedesco, 2015). Dentre as pistas, destacam-se algumas: A cartografia como método de pesquisa-intervenção; o funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo; cartografar é acompanhar processos; cartografia como dissolução do ponto de vista do observador; cartografar é habitar

um território existencial; por uma política da narratividade; diário de bordo de uma viagem-intervenção.

Inspirado nas obras acima, Vieira (2020) afirma que a cartografia pode ser um operador metodológico a partir do qual traçamos os processos advindos das experimentações em encontros dos mais diversos, como aulas, livros, artigos, disciplinas acadêmicas, grupos de estudo, congressos, vídeos em redes sociais, documentários, diálogos com colegas professores, pesquisadores e mais uma infinidade de momentos. Em síntese, os mapas constituem registros do efeito dos agenciamentos, anotações sobre o funcionamento das máquinas desejantes, seja na forma de pensamentos, discursos, subjetividades, hábitos, práticas cotidianas, seja nos modos de ser, pensar, existir.

Quando se trata dos meios de produção de dados, a cartografia não impõe limites sobre os caminhos, suposições e passos a serem tomados. Não há uma obrigatoriedade, um traço fundamental ou uma única receita para a cartografia. Ela é uma criação contextualizada e imanente que acompanha as investigações e se adapta às necessidades do pesquisador e do seu objeto de estudo. A cartografia incorpora diversas ferramentas metodológicas, recria e agrupa tudo o que pode direcionar os fluxos de força, seja através de entrevistas, questionários, pesquisa-intervenção ou pesquisa-participante. A cartografia não poupa esforços para produzir seu memorando de linhas, podendo ainda incorporar estratégias de diários de bordo, registros fotográficos e de vídeo, poesias e contos, análise bibliográfica, documental ou questões filosóficas bastante abstratas.

No âmbito da Educação Física, é possível afirmar que método cartográfico é ainda mais raro do que as análises foucaultinas de discurso. A título de ilustração, pode-se mencionar as pesquisas de: Machado (2011) que cartografou uma rede de atendimento de saúde mental a partir de práticas com a capoeira e com o contato com o mar; Alves (2013) que investigou as práticas de constituição/invenção em grupos de capoeira Angola e Regional em quatro cidades do estado de São Paulo; o artigo de Yonesawa e Caliman (2017) que cartografaram a prática do mergulho livre e a promoção de um tipo de conhecimento absolutamente contra

hegemônico e sensível; Gehres (2019) que descreveu três experiências-encontros-acontecimentos com a dança no currículo cultural de Educação Física se propondo-se a romper com a possibilidade da aplicação de uma teoria qualquer sobre a prática; Reubens-Leonidio (2022) que produziu um tipo muito específico de cartografia e esquizoanálise para analisar o território dos encontros entre Educação Física e Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS); por fim, Vieira (2023) cartografou durante o período pandêmico (2020-2023) as paisagens subjetivas de docentes de Educação Física, focalizando adeptos da perspectiva curricular cultural.

Avaliando tais pesquisas, vemos a enorme potencialidade dessa metodologia e a abrangência de formas que a cartografia pode assumir, tornando-se assim, uma importante aliada aos pesquisadores e pesquisadoras do campo da Educação Física.

## 5 Considerações finais

Considera-se que os enlaces entre a Educação Física e as Ciências Humanas são importantes para que a área se torne cada vez mais múltipla, contextualizada e qualificada, considerando a multiplicidade de fatores que envolvem a vivência e o ensino das práticas corporais. No âmbito escolar, a perspectiva cultural de Educação Física põe-se engajada na transformação do ensino do componente, comprometendo-se com a tematização e a problematização da cultura corporal. Fez-se, aproveitando diversos campos epistemológicos, buscando extrair e reterritorializar desses, conceitos e concepções críticas, abertas, criadoras e potencializadoras. É no seio desse movimento que a Educação Física se encontra com a filosofia da diferença. Como não haveria de ser diferente, além dos princípios didático-pedagógicos, outros elementos que compõe a área passam a ser disputados, por exemplo, as questões sobre métodos de pesquisa.

De tal modo, rompendo com qualquer perspectiva neopositivista, as pesquisas em Educação Física inspiradas na filosofia da diferença, criam e se produzem por meio de experimentações, num processo

singular e único para cada professor/a-pesquisador/a. A máxima sobre a qualificação desse tipo de pesquisa, continua sendo que a qualidade do conhecimento produzido se dá pela coerência, densidade e boa triangulação entre o objeto de pesquisa, os conceitos utilizados e/ou criados e os dados empíricos. No presente capítulo, apresentou-se dois métodos de pesquisa que se apresentam em vanguarda e com potencialidades enormes para o campo da Educação Física. As descrições buscaram um tom de introdução e de caracterização dos métodos, dispensando tons de recomendação e de fixação de normas.

Sobre as análises de discurso foucaultianas, é possível afirmar que a partir dessas análises o que se busca não é julgar ou descobrir se um discurso é correto ou falso, se esse condiz com uma suposta prática social ou se confere com o real. Longe disso, o que se intenta é a crítica das condições de emergência de uma dada prática/discurso, considerando as relações de poder que possibilitaram que esses discursos se erigissem, portanto, trata-se de um movimento de radical suspeição do que é dado como “natural” dentro do modo contemporâneo.

Também se descreveu sobre o método da cartografia, cujo objetivo constitui em mapear/tatear as linhas de força que nos constituem, as subjetividades, assim, a partir da produção de um diagrama dessas forças é possível reconhecer o que nos impede e o que potencializa dentro dos agenciamentos investigados. Tudo isso, sem as certezas e as promessas das perspectivas modernas e positivistas de ciência, mas pela via da experimentação. Como já se mencionou, o intento é um só: inspirar novas pesquisas, outras problematizações e percursos metodológicos, incentivando a criação e o desenvolvimento de práticas pedagógicas cada vez mais críticas, contextualizadas e complexas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Quintão; BRACHT, Valter; VAZ, Alexandre. Classificações epistemológicas na Educação Física: redescrições. **Movimento**, p. 241-263, 2012.

ALVES, Flávio Soares. O encontro com a capoeira no tempo da vadição. **Movimento**, v. 19, n. 2, p. 277-300, 2013.

AQUINO, Julio Groppa; VAL, Gisela Maria do. Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional. **Pedagogia y Saberes**, v. 49, p. 41-53, 2018.  
BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 2004.

BONETTO, Pedro Xavier Russo. **Esquizoexperimentações com o currículo cultural de Educação Física**. 2021. 336f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

BONETTO, Pedro Xavier Russo. VIEIRA, Rubens Antônio Gurgel. **Deleuze-Guattari e a Educação Física**. Belém: Rfb, 2023.

BORGES, Clayton Cesar de Oliveira. Anarqueologia como operador metodológico e éthos filosófico em michel foucault. **Aufklärung: Revista de Filosofia**, v. 9, n. 3, 2022.

BOSSLE, Cibele. **Personal Trainer & Cia: noções de marketing na literatura sobre treinamento personalizado**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

BRACHT. Valter. **Educação Física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que pode ser** (Elementos de uma teoria pedagógica para a Educação Física). Ijuí: Ed. Unijuí, 2019.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. Epistemologia da Educação Física brasileira:(re) descrições da atividade epistemológica no século XXI. **Movimento**, v. 26, p. e26029, 2022.

CARVALHO, Washington Luiz de. **O corpo administrado: biopolítica e disciplinarização na Revista Brasileira de Educação Física (1972 - 1980)**. 2009. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

CHAVES-GAMBOA, Márcia; GAMBOA, Silvio Ancisar Sánchez. Produção do conhecimento e formação de professores em Educação Física: debatendo as perspectivas epistemológicas. In: **V Colóquio de Epistemologia da Educação Física**. 2010.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo:N-1, 2018.

FERREIRA, Mauricio dos Santos; TRAVERSINI, Clarice Salete. A análise Foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa. **Educação & Realidade**, v. 38, p. 207-226, 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, p. 197-223, 2001.

FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder: Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5ªed. Edições Loyola. São Paulo, 1999.

FOUCAULT, Michel. **O que é a crítica?** (Crítica e Aufklärung). Imprópria: política e pensamento crítico, Lisboa, n. 1, p. 57-80, 1. sem. 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8ed. Forense universitária. Rio de Janeiro, 2019.

GAMBOA, Sívio Sánchez. **Epistemologia da Educação Física**: as inter-relações necessárias. Ufal, 2007.

GAMBOA, Silvio Sánchez; CHAVES, Márcia; TAFFAREL, Celi. A pesquisa em Educação Física no Nordeste brasileiro (Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe), 1982-2004: balanço e perspectivas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 1, 2007.

GEHRES, Adriana de Faria. **Currículo cultural em Educação Física e a linguagem corporal**: uma intervenção/cartografia a partir da dança na contemporaneidade. Relatório de pós-doutorado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física progressista**. São Paulo: Loyola, 1987.

GLEYSE, Jacques; SOARES, Carmen Lúcia. Como se fabricam os anjos?: uma arqueologia do corpo nos manuais escolares de moral e de higiene na França, 1880-1974. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, p. 805-824, 2012.

GIGLIO, Sérgio Setanni; NUNES, Mário Luiz Ferrari. Reflexões sobre a regulação e a heterotopia nas aulas de Educação Física. **Pro-posições**, v. 29, p. 590-613, 2018.

GREGOLIN, Maria Do Rosário Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa: Revista de linguística**, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre) vistas. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, p. 23-44, 2004.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 12ª edição. Petrópolis: Vozes, 2013.

MACHADO, Dagoberto de Oliveira. **Movimentos na Educação Física**: por uma ética dos corpos. 2011. 113 f. 2011. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MEYER, Dagmar Esterman; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

NASCIMENTO, Aline Santos; NUNES, Mario Luiz Ferrari. A mulher árbitra de futsal: entre a norma e a resistência. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 16, n. 1, 2014.

NAVARRO, Pedro. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. **MOARA** – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras. v. 1, n. 57, p. 08-33, 2020.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Pedagogia da cultura corporal**. São Paulo: Phorte, 2006.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2022.

NUNES, Mario Luiz Ferrari; NEIRA, Marcos Garcia. O currículo de licenciatura em Educação Física e a fabricação do sujeito-cliente. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. e230038, 2018.

PASSOS, Edson; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** – volume 1. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, Edson; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum** – volume 2. Porto Alegre: Sulina, 2016.

PETERS, Michel. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

REUBENS-LEONIDIO, Ameliane da Conceição. **Uma cartografia dos encontros entre Educação Física e práticas integrativas e complementares**

em saúde: formação, processos de subjetivação e produção do cuidado. Tese (Doutorado). Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB, Recife-PE, 2022.

ROSA, Suely; LETA, Jacqueline. Tendências atuais da pesquisa brasileira em Educação Física. Parte 2: a heterogeneidade epistemológica nos programas de pós-graduação. **Revista brasileira de Educação Física e esporte**, v. 25, p. 7-18, 2011.

RIBEIRO, Cintya Regina. O agenciamento Deleuze-Guattari: considerações sobre método de pesquisa e formação de pesquisadores em educação **Educação Unisinos**, v. 20, n. 1, p. 68-75, ene./abr. 2016.

SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro. (Orgs.) **Michel Foucault** e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Clara Luz, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O Sujeito da Educação**: estudos foucaultianos. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

SOARES, Carmen Lúcia. FRAGA, Alex Branco. Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 77-90, 2016.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes europeias**. Autores Associados, 2017.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo**. Autores Associados, 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

VIEIRA, Rubens Antônio Gurgel. **Conceitos em torno de uma Educação Física menor**: possibilidades do currículo cultural para *esquizoaprender* como

política cognitiva. 2020. 244f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2020.

YONEZAWA, Fernando; CALIMAN, Luciana. Uma cartografia submersa para pensar a produção do corpo intensivo. **Pensar a Prática**, v. 20, n. 4, 2017.